CONTRIBUIÇÃO DO INSTITUTO PARA O ESTUDO DA LINGUAGEM

Florival Seraine
(da Associação Brasileira de Lingüística)

A contribuição do Instituto do Ceará para o estudo científico da linguagem não pode, decerto, equiparar-se à procedente dos inúmeros trabalhos por ele divulgados, nos campos da Historiografia e da Geografia, em suas principais divisões. Cabe-nos, porém, destacar nas páginas da sua Revista algumas produções significativas versando matéria lingüística. A presença destas nesse órgão cultural justifica-se perfeitamente em virtude de a Lingüística ser considerada ramo da Antropologia, uma das ciências constantes do seu programa de investigações. Com maior precisão, por ser a Lingüística enquadrada no âmbito da Antropologia Cultural, ao lado da Etnografia, do Folclore, da Arqueologia.

Deveremos então buscar, a respeito, escritos concernentes à Lingüística em geral e estudos monográficos relativos a temas particulares ou especializados nos domínios da Linguagem. No tocante à primeira esfera de elaborações científicas forçoso é confessar que, nos 93 volumes já editados pelo Instituto, nenhum artigo encontramos em que se abordem sistematicamente problemas ou aspectos da Lingüística Geral ou da Teoria da Linguagem.

Afora alguns ensaios de Pompeu Sobrinho acerca da lexicografia e da toponímia indígenas, de que adiante nos ocuparemos, é na órbita da Dialetologia Cearense que se nos deparam colaborações dignas de ressalto.

O primeiro trabalho no gênero a mencionar é o "Vocabulário Indígena em Uso da Província do Ceará", da autoria de Paulino Nogueira, que ocupa todo o volume correspondente ao 4o. trimestre de 1887 (ano I - Tomo I). Trata-se em verdade, de contribuição meritória ao estudo da lexicografia cearense, em que se enfocam não apenas nomes comuns ou apelativos, mas ainda vários topônimos e etnônimos regionais, buscando o

autor atribuir aos mesmos, em geral, etimologias indígenas do Brasil. Alguma objeção mais séria que se possa levantar a tão importante documento cultural recairá única e precisamente sobre esse aspecto extensivo, generalizado, de suas interpretações etimológicas quase sempre tupis.

Com efeito, equivoca-se o grande conhecedor dos temas cearenses que foi Paulino Nogueira quando apresenta étimos tupis para vocábulos como **abacate, goiaba** ou **guaiaba** e **jangada**, que ficou provado serem, respectivamente, de origens indígena, mexicana e antilhana, e malaiala. Mas não se engana a propósito de **Messejana**, determinando-lhe a procedência lusa (etimologia árabe) e a grafia correta.

Efetivamente, como é de hábito nesses estudos, várias das etimologias que sustenta são contestáveis ou duvidosas. Bem difícil será a qualquer estudioso do assunto aceitar as explicações indígenas que formula acerca de topônimos como **Aquiraz**, para citar apenas um entre dezenas.

Salvo esse ponto negativo da sua obra, ao qual, aliás não emprestamos a significação que lhe deram certos dialetólogos, no conjunto o "Vocabulário Indígena", de Paulino Nogueira, é digno da admiração e do respeito dos especialistas, em razão do conhecimento extenso e seguro da história e da cultura popular cearenses em sua relação com os fatos lingüísticos, que aí demonstra o autor.

Ressalte-se-lhe ainda a erudição, comprovada nas citações de fontes interpretativas até hoje conceituadas nos círculos tupinológicos, assim como a forma quase exaustiva com que apresenta os verbetes, segundo acertada técnica.

Além de alguns trabalhos sobre topônimos cearenses, encarados do ângulo etimológico, que padecem dos defeitos peculiares a todas as interpretações de vocábulos cujo sentido originário ou primitivo não é fácil de captar, pois, não raro, se acham deturpados nos documentos antigos, o geógrafo e etnólogo Thomaz Pompeu Sobrinho deixou nas páginas da "Revista do Instituto" ensaios e estudos de Lingüística indígena propriamente dita. Nos trabalhos etimológicos encontra-se, sem dúvida, a parte menos representativa da sua produção intelectual, que chegou a ser notável em setores da Antropologia e da Geografia. Apenas mencionaremos nesse domínio lingüístico: "Etimologias de algumas palavras indígenas", divulgado no Tomo XXXIII — pp. 208, 227; "Dois topônimos cearenses (Quixera-

mobim e Ubatuba)", saído a lume no Tomo LIV-pp. 63-67; "Significação de algumas palavras indígenas" (Tomo XLVIII – pp. 179 – 184), em que se propõe a esclarecer o sentido original das designações tópicas **acaracu, aracoiaba, Crateús** e **papará**. Há ainda, na Revista, de sua lavra, o excelente estudo: "Topônimos indígenas dos séculos XVI e XVII na costa cearense" (Tomo LIX – pp. 156 – 205), o qual nas expressões de José Honório Rodrigues, vale não só pelo "estudo individual de cada topônimo", mas ainda pela "admirável lição do método histórico" a aplicar-se nesses estudos (Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará" – p. 89 – Fortaleza,1959).

Embora nas investigações de Pompeu Sobrinho no plano da Lingüística indígena propriamente dita se verifique ainda o emprego dos métodos tradicionais, hoje superados em face do advento das técnicas estruturalistas e gerativo-transformacionais, merecem ser indicados aqui os seguintes ensaios ou escorços, não-despiciendos, considerando-se a época em que foram elaborados: "Contribuição para o Estudo das Afinidades do Kariri" (Tomo XLII – pp.3-21); "Índios Fulniô – Karnijós de Pernambuco" (Tomo XLIX – pp. 31-58); "Índios Merrine" (Tomo XLV – pp. 5-35); "Tapuias do Nordeste" (Tomo LIII – pp. 221-235); "Sistema de Parentesco dos Índios Cariri" (Tomo LXI – pp. 163-180); "Voccabulário dos Índios Nutuans do Yamundaá" (Tomo L – pp. 69-77). Em "Pré-história Cearense", (Tomo XLVI – pp. 36-181) e "Proto-história Cearense" (Tomo LVII – pp. 15-173) aborda, incidentemente, ou melhor oportunamente, o tema das línguas indígenas regionais.

Passando aos estudos sobre o falar cearense, isto é, à Dialetologia Cearense, efetuados em outros setores da linguagem que não a lexicografia, destacamos o trabalho "Fonética do Português do Ceará "(Tomo LI – pp. 271-307), devido ao acurado empenho com que Martinz de Aguiar se dedicou ao tema, durante largo trecho da sua existência, volvida para os estudos filológicos e o ensino do Português no curso ginasial.

Ressente-se, em principal, o valioso estudo do defeito da generalização regional, ou mesmo local, dos fatos dialetológicos apresentados, pois lhe faltava a compreensão, hoje vigente, da importância de encarar sistematicamente os níveis sócio-culturais e os matizes afetivos nas pesquisas de que tratamos.

Analisa, porém, com certa minúcia e dentro dos princípios teóricos que lhe norteavam os passos dentro da especialidade, os fonemas que

oferecem divergência entre o português geral e o português usado no Ceará. E trata com proficiência do ritmo e da fonética sintática. Dignas de consideração são, decerto, as observações que exerce sobre o fenômeno da **metafonia** no linguajar cearense. Como não fizesse uso dos sinais diacríticos convenientes, em acordo com as convenções fonéticas internacionais, podem as suas informações ser acoimadas de ausência do rigor científico, exigido atualmente nas publicações do gênero, para onde, aliás – é preciso que se note – já convergem as modernas técnicas estruturalistas, quer no plano profundo, quer no da superfície.

Não devem passar despercebidas também as copiosas observações de cunho dialetológico e filológico que expende nos seus artigos sobre "Cirandas Infantis" (Tomo XLVI – pp. 3-24 T. ; XLVII – pp. 99-122;T. XLVII – pp. 245-266; T. L – pp. 205-218) e "Os Sinais de Galvão" (Tomos XLVIII – pp.29-37 e XLIX – pp. 165-188). Podem, sem dúvida considerar-se "Fonética do Português do Ceará" e "Cirandas Infantis" as principais produções de Martinz de Aguiar, talvez aquelas que nos possam revelar as suas qualidades para a investigação científica.

Por último, somos forçados a mencionar os resultados das pesquisas que vimos efetuando no curso de quarenta anos, aproxidamente, acerca do falar cearense, trabalhos esses que, em grande parte, foram divulgados pela "Revista do Instituto do Ceará". Não escapam aos mesmos algumas das falhas técnicas apontadas na obra de Martinz de Aguiar, justificáveis – tanto em nosso caso como no do conceituado professor de várias gerações – de um lado, pela permanente falta de matrizes adequadas nas tipografias onde foram compostas; e do outro, pelo nenhum acesso ao nosso meio cultural, à época em que foram elaborados, dos modernos processos de abordagem do material lingüístico.

Eis a relação do que publicamos: "Aspectos Históricos da Língua Nacional no Ceará" (Tomo XLIII – pp.49-74); "Contribuição ao Estudo da Influência Indígena no Linguajar Cearense" (Tomo LXVI – pp. 5-16); "Contribuição à Toponímia Cearense" (Tomos LX – pp. 254–276; LXI – pp. 216-235; LXII – pp. 226-285), estudo este também levado à publicidade nos "Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia (Vol. III - pp. 471-511 – Rio, 1952); "Contribuição ao Estudo da formação de Palavras na Linguagem Popular Cearense" (Tomo LXXI – pp. 5 - 29); "Topônimos de Portugal no Ceará" (Tomo LXXV – pp. 89-109); "Dialetologia Cearense – Morfologia e Algumas Notas Sintáticas" (Tomo LXXXI – pp.

155-192); "Subsídios para uma Antroponímia Cearense" (Tomo LXXIII – pp. 80-91). É possível que se achem atualizadas teoricamente produções mais recentes de Florival Seraine: "Relação entre os Fatos Históricos e a Onomástica no Brasil" (Tomo LXXVIII – pp. 89-97), também incluído em "Actes du Xe. Congrès International de Linguestique et Philollogie Romanes" (Tomo I – pp. 291-299 – Paris, 1965); "A Relação do Maranhão do Pe. Luís Figueira e o falar Cearense Atual" (Tomo LXXXIV – pp. 21-55); "Introdução ao Atlas Lingüístico e Folclórico do Cariri" (Tomo LXXXVI – pp. 5-23); "Para o Estudo da Dinâmica da Fala em uma Capital do Nordeste Brasileiro" (Tomos LXXXVIII – pp. 45-47 e LXXXIX (no prelo). Nesta última produção adota o autor conceituações e processos da Sociolingüística, em voga atualmente graças aos recursos científicos de que se utiliza em busca de mais firme penetração na realidade elocutiva.

Além dos trabalhos aludidos, frutos de pesquisas, investigações, estudos devidos aos esforços intelectuais de membros do Instituto, ao tratar da contribuição desse organismo cultural ao exame da linguagem, não podemos deixar de referir ainda a importante documentação antiga por ele oferecida em volume separado ("Três Documentos do Ceará Colonia" Fortaleza, 1967) ou transcrita no corpo da sua Revista. Elemento de utilidade para o enfoque diacrônico da linguagem regional, ainda se acha ele quase virgem das atenções dos estudiosos e isso é uma pena, porque da sua análise sistemática se poderia chegar à explicação de pontos ainda obscuros do problema da conservação e da mudança lingüísticas, no que tange ao português, transplantado da Europa para o ambiente brasileiro. Nosso "approach" inicial ao velho manuscrito do Pe. Figueira talvez possa servir de incitação ao prosseguimento dessas investigações, em que o conhecimento dialetológico se beneficia dos dados filológicos.

Como material aproveitável pelos estudiosos da lexicografia, da antroponímia e toponomia regionais cabe-nos, por fim, não esquecer o que divulgaram nas páginas da Revista, Dias da Rocha, Renato Braga e Melquíades Pinto, no campo da Zoologia e da Botânica estaduais, bem assim alguns excelentes estudos genealógicos da lavra de ilustres consócios. (O Povo, 27 de fevereiro de 1977).